
LOCKE E O SENTIDO DA FORMAÇÃO EDUCACIONAL

Christian Lindberg Lopes do Nascimento

Resumo

Para Locke, a educação deve preocupar-se em constituir, via formação, um indivíduo virtuoso, que goze da sua liberdade e que tenha suas ações balizadas pelo correto uso da razão. Assim, o objetivo deste texto é expor os resultados conclusivos de uma pesquisa que teve como desígnio central definir o objetivo da educação para Locke, ao mesmo tempo em que analisa o conceito de formação contido na obra do filósofo inglês. O que avaliza esta perspectiva é o fato de que as proposituras educativas deste filósofo estão inseridas no debate que ele faz sobre a moral. Para chegar a este intento, há a análise dos manuscritos educacionais lockeanos, atentando ao fato de que ele, via educação, visa constituir um indivíduo que aja focado no êxito do seu projeto político. Dessa forma, o texto é dividido em três partes: na primeira parte, aborda-se o objetivo da educação; já na segunda, faz-se a exposição das linhas gerais do pensamento educacional de John Locke; na última parte, há a definição do que é formação para o filósofo. Para o êxito da pesquisa, utilizou-se o seguinte referencial teórico: a fonte primária foi extraída dos textos educacionais de Locke, nas secundárias, há outros manuscritos dos comentadores julgados como relevantes. Por fim, a leitura, a análise e a interpretação dos textos selecionados compuseram o procedimento metodológico empregado, tendo como paradigma a hermenêutica.

Palavras-chave

Educação, formação, instrução, *gentleman*, Locke.

Abstract:

For Locke, education should concern about constituting a virtuous subject who enjoys his freedom and whose actions are buoyed by the correct usage of the reason. The target of this paper is to expose the conclusive results of a survey which had had the goal of education for Locke as a central plan, while it analyzes the concept of education in the English philosopher's project. What endorses the view is the fact that the philosopher's educational propositions are embedded in the debate that he defends about moral. To reach this aim, there is the analysis of Lockean educational manuscripts, attempting the fact that he, via education, aims to provide subject who acts focused on the political project's triumph. Thus, the text is divided into three parts: the first part addresses the goal of education, whereas the second part is the exposure of John Locke's general educational thoughts. In the last part there is the definition of formation for the philosopher. For the success of the research, the following theoretical framework was used: the primary source was extracted from Locke's educational texts, in the secondary, there are other reviewers of manuscripts judged as relevant. Finally, the reading, the analysis and the comprehension of the selected texts composed the methodological procedure used, having the hermeneutic as a paradigm.

Keywords

Education, formation, instruction, *gentleman*, Locke.

1 Introdução

É comum, entre os filósofos iluministas, a preocupação em instituir uma nova ordem para a educação. O eixo central dessa ambição é constituir um indivíduo que aja autonomamente, guie sua ação alicerçada na reta razão e vise estabelecer uma sociedade moralmente correta. Além disso, este cidadão educado é livre e compactua com as regras definidas no contrato social, tendo como fio condutor o projeto civilizatório da humanidade. Nesse contexto, filósofos como Rousseau, Condorcet, Diderot, Kant, para citar alguns, dissertaram sua argumentação.

Contudo, antes deles, os ideais iluministas já tinham promovido a sua primeira grande transformação política na Inglaterra. É nessa seara que John Locke enuncia suas reflexões políticas, religiosas, epistemológicas e educativas. Ciente das transformações que seu país vivenciava, o filósofo inglês desenvolveu um projeto educacional que tinha como foco modelar um novo indivíduo, o *gentleman*. Portanto, o objetivo desse artigo é apontar qual o objetivo dado à educação pelo filósofo em tela, fazendo, em seguida, a distinção entre o que ele compreende por instrução e formação.

2 *Mens sans in corpore sano*: John Locke e o objetivo da educação

O pensamento educacional de Locke está diretamente associado às mudanças e às transformações que ocorreram na Inglaterra, principalmente àquelas acontecidas na segunda metade do século XVII. Tais mudanças consideram, com a mesma relevância, o avanço do espírito científico nos círculos acadêmicos, fato este consolidado com a fundação da Royal Society, como também a consolidação da reforma religiosa. Ora, o pensamento educacional de Locke não só examina o modelo de educação vigente, mas elabora propostas que estejam em sintonia com as mudanças em curso. A este respeito Goyard-Fabre afirma:

O mérito de Locke está em por as premissas do liberalismo de que acreditara a tradição moderna (oposto em muitos casos, à maneira inepta e desigual de Hobbes), demonstrando que sua originalidade não é decorrência do horizonte inteligível da liberdade, mas de um horizonte de esperança para a humanidade. (GOYARD-FABRE: 1986, p.181, tradução nossa)

O projeto educativo lockeano¹ visa formar um indivíduo que exerça funções nos moldes da sua teoria política – para a garantia da liberdade individual de cada membro que compõe a sociedade política, como também da preservação dos bens materiais, da vida – e que tolere a diversidade religiosa e, para aqueles que irão desempenhar cargos públicos, o faça de modo imparcial. Assim, pode-se afirmar que as proposições de Locke para a educação têm estreita afinidade com sua teoria política e religiosa, requerendo que aquela tenha uma utilidade prática para a criança em formação.

Em sua análise, Machado (2008) destaca que Locke justifica a origem do poder político da burguesia, não só pelo fato de ele ter exercido função destacada de liderança intelectual nas transformações ocorridas na Inglaterra, mas também que a educação deve estar voltada para as necessidades do jovem burguês. No entanto, há um equívoco quando a autora afirma que Locke “valoriza o burguês egoísta que usa sua força de trabalho e capacidades ao se relacionar com outros homens de seu tempo, pensando somente em seu interesse.” (MACHADO: 2008, p.11). No mesmo sentido, Enguita (1986) argumenta que Locke não promove nenhum esforço para fazer com que a educação seja algo acessível a todos. Esse comentador compreende que o filósofo inglês está convencido de que as desigualdades sociais estão fazendo bem a todos e que a educação não pode ser pensada como instrumento de ascensão social por parte das camadas sociais mais pobres.

O equívoco dessas duas críticas reside no fato de que são as transformações políticas ocorridas na Inglaterra o principal alvo dos escritos de Locke, já que a mudança de valores da nova classe dirigente – a burguesia – é oportuna para garantir a efetivação dos ideais revolucionários. Outro aspecto a considerar é que a educação dos filhos da burguesia inglesa tem um relevante aspecto moral. Em um pequeno opúsculo intitulado *Virtude B* (1681), Locke afirma que a virtude é a vontade de Deus e é descoberta pela razão, possuindo força de lei e, por isso, deve ser comprovada através da ação individual. Assim, a ação moral de cada indivíduo, quando balizada, pelo correto uso da razão, é a garantia de constituição de uma sociedade moralmente correta.

É a formação de uma nova moral² que está em jogo com o processo educacional defendido por Locke. Consequentemente, esta moral deve ser constituída no *gentleman*

¹ De acordo com as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa, o termo "lockeano(a)" passa a ser "lockiano(a)"; no entanto, neste trabalho, há preferência pelo uso da grafia "lockeano(a)".

² Baillon (2006, p.35) observa que, para Locke, a moral é um dever para com o próximo, sendo fruto de sua ação, confluindo assim com a ética puritana. Já Reicyn (1941, p.205) defende a ideia de que há

para que, a partir da educação que receba, aja em sociedade e torne-se em exemplo a ser seguido pelos demais membros da sociedade. O filósofo tem ciência de que as mudanças estruturais exigidas pela Revolução Gloriosa passam pela formação de uma nova classe política, aliando assim, a teoria política revolucionária com o seu projeto educacional.

Como é observado, há uma esta estreita ligação entre a teoria educativa e as demais obras do filósofo. Baillon (2006, p.22) assegura que não há como concretizar os enunciados dos *Dois tratados sobre o governo*, especialmente o segundo tratado, muito menos sua concepção religiosa e moral, desconsiderando o indivíduo que exercerá funções na sociedade. Já Aldrich (2000, p.09) afirma que a importância de Locke para o pensamento histórico da educação reside no fato de que seu pensamento foi escrito em um período de turbulências revolucionárias na Inglaterra. Mas essa ruptura política é radical, no sentido de constituir uma sociedade civilizada, em que o projeto educativo tem por finalidade formar as futuras gerações balizadas pelos novos ideais.

É com esse intuito que Locke critica a educação vigente. Ele compreendia que o método educativo empregado e o conteúdo ensinado não tinham utilidade para a vida prática do indivíduo. O letramento, a partir do ensino do Latim e do Grego, adotava instrumentos rígidos, lentos e dolorosos para as crianças. Discordava também dos pais que empreendiam vultosos recursos contratando preceptores. Essa crítica que o filósofo inglês fez demonstra o desacordo dele com as concepções educacionais da época.

Na mesma esteira, ele desenvolve uma argumentação sobre a leitura e a relação que ela tem para a obtenção do conhecimento:

É suficiente estar dotado de ideias que competem à sua ocupação, as quais ele encontrará nos tipos de livros acima mencionados. Mas o passo seguinte em direção ao aperfeiçoamento de seu entendimento deve consistir em observar a conexão dessas ideias nas proposições que esses livros oferecem e pretendem ensinar como verdades; até um homem conseguir julgar se elas são ou não verdades, seu entendimento se aperfeiçoará só um pouco, e ele não fará senão pensar e falar segundo os livros que ler, sem adquirir nenhum conhecimento assim. (LOCKE: 2007a, p.436)

Percebe-se, deste modo, que o conhecimento obtido nos livros não é sinônimo de aprendizagem para a criança, mas que ela está simplesmente assimilando informações já descobertas por outras pessoas. É desse modo que Locke analisa as consequências da educação ministrada em sua época. É a partir desse ponto que o filósofo discorda dos objetivos educacionais vigentes, pois, ao formar eruditos, não há a

uma moral cristã e utilitária, o que caracteriza um homem virtuoso, propenso a ser feliz nesta vida e em outra vindoura.

preocupação em preparar indivíduos aptos a entender os fenômenos sociais e políticos em curso. De igual modo, na obra *O estudo*, Locke reforça esta crítica à educação de sua época e aponta o seu verdadeiro objetivo. Ele parte da premissa de que é impossível a qualquer indivíduo saber tudo sobre todas as coisas, já que estamos limitados pela finitude de nossa própria vida. Sendo assim, o propósito do estudo é o conhecimento, para que haja a comunicação de um indivíduo com os demais.

Todavia, é na obra *Alguns pensamentos sobre a educação* que suas proposituras educativas ganham destaque, como também se percebe uma maior relação com suas demais obras. Composta a partir das cartas enviadas a seu amigo Edward Clarke, entre os anos de 1684 e 1693, ganhou sua primeira versão impressa em 1693, sendo que, no ano de 1705, depois de alguns acréscimos, chegou à sua versão definitiva.³ Na dedicatória, Locke deixa explícito qual o objetivo da obra. Inicialmente descreve uma crítica à educação vigente ao dizer que ela tem corrompido os jovens, como também adota um método de ensino inapropriado para a realidade do infante. Em seguida, ao recomendar o tratado a Edward Clarke, defende que o educar bem as crianças é condição que deve ser exercida pelos pais, e que esta ação paterna faz bem aos interesses da sociedade, já que a prosperidade dela está condicionada à formação de suas futuras gerações.

Ao começar a obra, o filósofo deixa mais nítido seu propósito. Ele primeiramente reproduz a famosa frase de Juvenal ‘um espírito são, em um corpo são’ e continua que, embora seja uma breve citação, representa um estado feliz neste mundo. Ora, com tal passagem, é possível fazer algumas considerações: 1) que a educação corporal está intimamente associada à educação espiritual; 2) que a educação é condição necessária para a felicidade dos homens; 3) há a relação intrínseca entre educação e vida civil; 4) que a educação não deve ter preocupações com a vida extramundana.

Desse modo, Locke preocupa-se em estabelecer um vínculo entre educação, política e religião. O filósofo é enfático ao posicionar sua teoria política no âmbito da vida civil, descartando qualquer pretensão educacional com vida após a morte. Por outro lado, ao defender a união da educação corporal com a espiritual, o filósofo discorda do modelo medieval de educação que considerava o corpo como fruto do pecado e, por isso, não manifestava preocupação alguma com o seu cuidado. Mais que isso, a

³ Segundo Baillon (2006), entre as primeiras cartas e a consolidação dessa obra com a quinta edição impressa, há a expansão do pensamento educacional de Locke. De importância fica o caráter universal que suas proposituras ganharam, pois, partindo de um caso particular, construiu-se uma teoria educacional que exerceria influência na posteridade.

educação corporal defendida por Locke, valoriza não só a existência de um corpo vigoroso, mas também a recomendação de cuidados necessários para garantir a longevidade dos indivíduos.

No entanto, embora faça essa associação entre corpo e espírito, Locke ressalva que nem todos os indivíduos nascem com o corpo ou a mente desenvolvida. É mais fácil encontrar nas crianças aptidão à atividade física ou intelectual, mas dificilmente ambas. Assim, cabe à educação tornar vigoroso no infante o que lhe falta, conjecturando torná-lo forte corporal e espiritualmente, para, aí sim, ter as condições necessárias à conquista da felicidade neste mundo.

Por conseguinte, ao nascer tábula rasa, a criança deve ser conduzida de sua condição natural para outra melhor. Nesse sentido, há uma recusa de Locke com as aptidões naturais de criança. Mas isso não representa que o infante seja artificializado através da educação, mas que ele, em seu estado bruto, natural, jamais será feliz. Está presente neste debate algo que pertence à discussão educacional, a saber: qual o objetivo do processo educativo? Para Locke, a educação visa tirar o homem de sua condição natural e da ausência total de conhecimento ao nascer e conduzi-lo à civilização. Este é o desafio posto pelo filósofo. Este é o objetivo central da sua preocupação educacional.

Ela [a criança] que não é perfeita em suas inclinações, pois não sabe como resistir às inoportunidades do prazer ou dor, ou considerar o que a razão distingue mais adequado para ser cumprido, já que ela quer conhecer o verdadeiro princípio da virtude e da ação, sem viver algum tipo de perigo. Este temperamento, entretanto, tão contrário para guiar sua natureza, é adquirido com o passar do tempo, e é o hábito o verdadeiro fundamento da futura felicidade. (LOCKE: 1996, p.32, tradução nossa)

Já que o objetivo do projeto educacional lockeano é a constituição de indivíduos com vigor físico e aptos a agirem racionalmente, a educação tem a função de aperfeiçoar a sociedade política, garantindo os direitos que cada membro dela possui. Locke tem ciência de que é dessa forma que a criança, ao crescer, será um indivíduo livre e racional, para contribuir decisivamente com o processo civilizatório, materializando ações que tenham como fim a felicidade de todos.

3 Instrução e formação no pensamento educacional de Locke

O conceito de formação coroa a preocupação do pensamento educacional de Locke. Para isso, o filósofo propõe que conteúdos⁴ ensinar para a criança, como também que valores o infante deve ser habituado a exercitar. Na obra *Alguns pensamentos sobre educação*, assim como nas sugestões discorridas no livro *Algumas ideias acerca da leitura e o estudo para um cavalheiro*, ele compõe a principal preocupação⁵ para a educação da criança.

O currículo⁶ proposto por Locke abrange vários conteúdos para a instrução⁷ do *gentleman*. Porém, o simples ensino de conteúdos científicos não garante, por si só, o objetivo proposto pelo filósofo, a saber, a formação. Deve acrescentar a constituição da sabedoria, a virtude e boa educação na criança, porque só assim a instrução cumpre seu propósito no processo formativo do infante.

Nesse sentido, o ambiente vivido por Locke é propício à constituição de novas ideias. Ele mantinha encontros frequentes com destacados cientistas, como o médico Thomas Sydenham (1624-1689), o físico Christian Huygens (1629-1696) e o químico Robert Boyle (1627-1691), além da amizade frutífera construída com Isaac Newton (1643-1727). O mais importante dessas influências é que o pensamento de Locke foi contaminado pelo espírito científico da Inglaterra⁸ seiscentista, já que seu programa educativo legitima a ciência, a começar pelo cuidado que o filósofo tem com o corpo.

Através da instrução, a criança jamais conseguirá aprender tudo, mesmo tendo a possibilidade de assimilar tudo que lhe ensine, devido ao fato de não possuir

⁴ Utiliza-se neste trabalho o termo conteúdo (do inglês *content*) para designar todas aquelas ciências que devem ser ensinadas para a criança, compondo a primeira parte dos ensinamentos que o preceptor deve trabalhar com o infante. No entanto, o termo correto e adotado na versão que se utilizou neste trabalho é *learnig*, que significa erudição, que na tradição renascentista para a educação corresponde às disciplinas que formam o *trivium* e o *quadrivium*. Então, para manter certa coerência com as reflexões de Locke foi que se realizou essa aproximação.

⁵ Não custa lembrar que a primeira preocupação é a educação física, manifestada nos cuidados com o corpo.

⁶ Para David Hamilton (1992, p.43), currículo é como “uma entidade educacional que exhibe tanto globalidade estrutural quanto completude seqüencial. Um ‘currículo’ deveria não apenas ser ‘seguido’, deveria, também, ser ‘completado’.” Esse conceito emergiu da combinação de três fatores: o método dialético empregado nas escolas; a organização do ensino e da aprendizagem; o gosto calvinista pelo uso figurado de ‘vitae curriculum’. No entanto, tais elementos são heranças diretas do calvinismo, que exercerá bastante influência na educação no século XVI e XVII. Desse modo, do ponto de vista técnico, é anacrônico se adotar o termo currículo para John Locke, no entanto, foi empregado por não se encontrar nos escritos do filósofo algo específico.

⁷ Locke (1996, p.112) vai dizer que a instrução é o assunto principal quando se fala em educação, embora compreenda que não deve colocá-la senão em segundo lugar, como um meio para adquirir qualidades mais altas.

⁸ O estudo das ciências era comum na Inglaterra do XVII, mas, mesmo assim, o grande mérito de Locke foi ter associado o conhecimento científico à educação do *gentleman*.

conhecimento algum ao nascer. Por outro lado, Locke transfere para a educação os procedimentos científicos modernos; assim, a experiência possibilita às crianças o aprendizado não só das coisas mais diversas, como também institui estas como verdadeiras e, ao mesmo tempo, passageiras, já que, ao se desenvolver cognitivamente, a criança torna o conhecimento mutável.

Todavia, embora valorize a ciência nos conteúdos a ser ministrado para a criança, Locke expressa a relevância do papel da filosofia natural no currículo e, respectivamente, seu objetivo. Para ele, a metafísica, por ser uma ciência especulativa, não possui o estatuto de uma ciência empírica e é impossível reduzi-la a leis científicas. O estudo desta disciplina é relevante já que examina os princípios de todas as coisas. Assim, o filósofo recomenda que a criança aprenda inicialmente a Bíblia⁹ antes do estudo das ciências, por considerar que nossos sentidos, em constante relação com a matéria, tende a monopolizar nosso conhecimento, excluindo a ideia do que não é matéria. A explicação da natureza, pela observação, requer algo mais que a própria matéria e é essa a finalidade que o filósofo conjectura para os estudos das Sagradas Escrituras. Tal controvérsia entre a ciência e a religião na composição do currículo serve para demonstrar que é impossível a ciência abranger todo o conhecimento humano, já que esta tem um caráter finito, opondo-se ao poder e à sabedoria infinita de Deus.

Feita a ressalva, o objetivo da educação é dotar a criança de saberes científicos, para constituir um indivíduo moralmente virtuoso e que controle suas paixões pelo uso da razão. Estabelecido esse princípio norteador, a enumeração dos conteúdos a serem ensinados à criança deverá materializar esta finalidade e, nesse sentido, a função do preceptor é iniciar a criança em todas as ciências, mas não com o propósito de ensinar tudo, mas possibilitá-la a conhecer novas coisas.

Então, qual a finalidade que os conteúdos devem ter? Quais disciplinas devem ser ensinadas? Para responder a esses questionamentos, o filósofo considera que, quando o infante souber falar, chega o momento exato para iniciá-lo nos estudos. O primeiro ensinamento que deve ser ministrado é a leitura. O preceptor “pode usar dados e brinquedos com letras para ensinar as crianças o alfabeto brincando; diversos outros modos podem ser instituídos, desde que apropriado ao temperamento particular da

⁹ Embora valorizasse a ciência como balizadora da verdade, Locke era não apenas um ávido colecionador e assíduo conhecedor da Bíblia, como também reconhecia neste livro um instrumento para a educação da criança. Desse modo, ele sugeriu que as Sagradas Escrituras fossem o livro que o *gentleman* pudesse aprender a ler, instruindo-o para a vida religiosa e moral (LOCKE: 1996, p.117-119).

criança, para fazer este amável aprender com prazer.” (LOCKE: 1996, p.114. tradução nossa). Quando a criança começar a ler, deve-se dar-lhe livros para exercitar a leitura, a exemplo das Fábulas de Esopo.

Locke sugere também, no livro *Algumas ideias de leitura e estudo para um cavalheiro*, que é conveniente a leitura do evangelho, porque este também contribui com a formação moral do cavalheiro. Mas para que ler? Segundo Locke, a leitura tem como finalidade aperfeiçoar o entendimento, pois aumenta o próprio conhecimento, além de capacitar a criança a transmitir o que leu. O outro objetivo está associado ao fato de que a criança precisa adquirir o discernimento necessário para ser um indivíduo moral e político. Acrescenta-se também o fato de que o cavalheiro precisa aprender a falar corretamente e com nitidez. Mas o que chama mais atenção nesse opúsculo é quando Locke afirma que é através da leitura que o entendimento é aperfeiçoado. Além de privilegiar a leitura como ferramenta educacional, o filósofo distingue a aprendizagem do conhecimento em duas formas. A primeira é aquela em que a criança recebe passivamente as informações contidas no livro para, em seguida, transmiti-lo a outro. O segundo tipo está relacionado ao fato de que o infante não só assimila o que lê, mas elabora novas ideias a partir do que leu, constituindo assim uma postura ativa diante da obra lida.

A segunda disciplina que deve instruir a criança é a escrita. Com o estudo dessas duas disciplinas, Locke não somente fortalece a língua vernácula, mas também demonstra sua preocupação em constituir no *gentleman* uma identidade nacional através da fala e da escrita. O inglês propõe a aprendizagem destas duas disciplinas a partir do que há de mais natural para uma criança, que é a língua do país onde nasceu.

Há uma implicação direta no ensino dessas disciplinas na escolha do método a ser adotado, que, segundo o filósofo, deve excluir qualquer mecanismo punitivo ou doloroso. Ele recomenda que a aprendizagem da língua deva ser feita pela leitura e conversação e, no mesmo sentido, esta orientação metodológica¹⁰ deve ser adotada no ensino de outros idiomas, já que Locke não os descarta, mas os põe num patamar inferior ao vernáculo.

¹⁰ Juliá (2002, p.53) vai afirmar que “no início da época moderna e sem dúvida até a segunda metade do século XVII, a transmissão da doutrina se deu unicamente pela via oral e segundo a aprendizagem de pura memorização, sem a presença de escola. Seria, contudo, totalmente arbitrário, e, sobretudo anacrônico, negligenciar ou menosprezar essa modalidade de formação, simplesmente porque as didáticas contemporâneas apelam muito menos do que as do passado pela memória.”

Em seguida, aconselha o ensino do desenho, pois este possibilita à criança a continuidade e o aperfeiçoamento da escrita, porém, ele adverte que não se deve ter a pretensão de constituir nela um pintor. Associado também à escrita, o inglês propõe o ensino da taquigrafia, porque com ela permite a escrita rápida, contribuindo favoravelmente àqueles que irão exercer funções profissionais que exija esta habilidade.

A preocupação com o domínio da escrita tem outro componente, este, talvez, inovador. Diferentemente da perspectiva cristã, que visava na massificação da escrita e da leitura o meio para ter acesso aos textos sagrados, e, dos humanistas, que cobiçava com o letramento das pessoas constituírem unicamente valores morais a partir da tradição grecoromana, Locke afirma:

A extensão de nosso conhecimento não pode exceder a extensão de nossas ideias. Portanto, quem quiser ser universalmente instruído deverá se familiarizar com os objetos de todas as ciências. Mas isso não é necessário pra um cavalheiro, cuja ocupação própria consiste em estar a serviço de seu país – daí que esteja mais propriamente preocupado com a moral e conhecimento político – e, portanto, os estudos que mais imediatamente competem à sua ocupação são os que tratam de virtudes e vícios, da sociedade civil e das artes do governo e, desse modo, incluem também o direito e a história. (LOCKE: 2007a, p.436)

Sendo assim, o ensino das ciências tornar-se-á imprescindível para os propósitos lockeanos e é isso que ele advoga:

Somente isto pode ser dito, aquela influência do atomismo moderno, na maioria das vezes, é mais inteligível que a Peripatética, que era adotada antes [...] Mas esta, penso, é preferivelmente fundar tal coisa no autor que empregou a si mesmo em experimentos racionais e observações do que partindo de sistemas especulativos. Desta maneira, conseqüentemente os escritos do Senhor Boyle [...] pode ser adaptado para o *gentleman*. (LOCKE: 1996, p.146. tradução nossa)

Depois das letras, o ensino de geografia será o estudo científico a ser trabalhado na criança, já que ela precisa ter o conhecimento da localização das cidades que congregam a Inglaterra, como também saber o posicionamento das outras nações no globo terrestre. Nos *Apontamentos de uma carta de Locke para a Condessa de Peterborough* (1697), Locke afirma que o ensino de geografia não deve ser um conhecimento muito preciso e crítico, mas sim preocupar-se em ensinar à criança a figura da Terra, do meridiano do Equador, dos trópicos, dos círculos polares, a longitude e latitude. Como forma de auxiliar a geografia, a aritmética vem a seguir. Além dessa função, esta ciência trabalha com o raciocínio abstrato e suas operações servirão para a vida toda.

O estudo da cronologia¹¹ deve estar associado ao da geografia. Tanto nos *Apontamentos*, quando nos *Pensamentos*, o filósofo inglês argumenta que o preceptor deve ensiná-la para a criança, pois estas duas ciências somadas e unidas constituirão o alicerce para o ensino da história. Esta disciplina corrobora com o *gentleman* no sentido de conhecer o passado da Inglaterra, ao transmitir as experiências dos antepassados. Locke compreende que a aprendizagem da história é a que mais agrada à criança. Antes destes escritos, em *Do estudo* (1677), o filósofo já enaltecia o ensino da história. Para ele, além de proporcionar para a criança a narração e a leitura, essa disciplina possibilita também o ensino de valores morais, a partir do exemplo dos antepassados. Tal consideração do filósofo é oportuna porque materializa, em um conteúdo, sua perspectiva epistemológica, a saber, a experiência – neste caso, dos outros - como fonte do conhecimento.

Há outras disciplinas e inquietações sugeridas no currículo proposto por Locke: o ensino da dança, da música, da esgrima, equitação, pintura, além de acrescentar orientações para as viagens. Essas preocupações têm vínculos com a prática de exercícios, necessitando assim, um determinado tempo para que a criança possa executá-los. Como por exemplo, as viagens possibilitam à criança a prática de idiomas estrangeiros, como também o conhecimento da cultura de outras nações.

Desse modo, o programa educativo do filósofo não só inseriu conteúdos de caráter científico, mas também os posicionou na direção de constituir na criança um indivíduo racional e moralmente virtuoso. O ensino das ciências, sem cair na erudição, torna-os aptos a discernir as coisas através do uso da sua razão.

Entretanto, para a concretização dos objetivos defendidos pelo filósofo para a constituição do *gentleman*, Locke acrescenta a introdução de outros ensinamentos por parte do preceptor, sendo que estes devem ser adquiridos pelo hábito, até o momento em que a criança tenha o discernimento necessário para compreender as coisas que o cerca, como também já tenha desenvolvido seus próprios elementos cognitivos. Para endossar essa afirmação, Michaud destaca que:

O programa de estudos de Locke [...] é função de uma vocação que não é a do saber acadêmico, mas a do *gentleman*, útil ao seu país, capaz de se ocupar de seus negócios, agradável em sociedade, que não conhece tudo, mas é suficientemente aberto para poder aprender aquilo de que terá necessidade. (MICHAUD: 1991, p.153)

¹¹ A cronologia é que dá ideia de um curso universal dos séculos e das principais épocas históricas (LOCKE: 1996, p. 138).

A educação da criança não é restrita apenas à instrução ministrada pelo preceptor. Acrescenta-se a virtude (do inglês *virtue*), a sabedoria (do inglês *wisdom*) e a boa educação (do inglês *breeding*). Estes são os complementos da formação da criança, úteis para transformá-la em um sujeito que aja racionalmente diante da realidade. É bom ressaltar que não há uma hierarquia entre estes conceitos, embora Locke afirme que a erudição (do inglês *learning*) é o primeiro assunto quando se fala sobre educação.

Sobre a virtude Locke compreende ser a primeira e mais importante das qualidades correspondentes ao homem, pois é através dela que cada indivíduo respeita o próximo. Para conseguir tal propósito, faz-se necessário imprimir na criança uma verdadeira noção de Deus, amando-O e compreendendo ser Ele o Ser supremo e criador de todas as coisas, já que Este é maior do que as coisas que a racionalidade humana possa compreender.¹²

Assim, deve-se habituar a criança, desde cedo e de forma regular, a realizar atos de devoção a Deus. No entanto, é preciso considerar também a idade da criança antes de empregar este receituário. O filósofo entende que essa forma é mais eficaz para a própria religião e a ciência do que distrair o infante em pensamentos que procurem investigar a essência do Criador. É bom observar que Deus, mais do que uma categoria metafísica, é antes de tudo o principal mestre dos ensinamentos morais para a criança, através do exemplo de Jesus Cristo.

A relevância da virtude reside no fato de que a criança, ao ter uma noção exata de Deus, passe a estimá-lo e a tê-lo como guia das ações morais. Ao perceber a existência de um Ser superior, as implicações políticas ficam nítidas. A primeira delas é que existe uma lei moral que rege a vida dos indivíduos; cabe a eles compreenderem-na. Em segundo lugar, há repercussão direta nos assuntos religiosos, mais precisamente no respeito à diversidade de crença, já que Locke está imbuído em equacionar os conflitos existentes na Inglaterra seiscentista, particularmente aqueles que eram ocasionados por assuntos de fé.

Ao comentar sobre a virtude, Tarcov observa que ela é necessária para se alcançar a felicidade. Assim, a devoção, a liberdade, a justiça, a coragem, a liberdade e

¹² Esta noção de Deus está contida nos *Alguns pensamentos sobre a educação*. Já no *Ensaio sobre o entendimento humano*, Locke atribui a prova da existência de Deus ao fato de que o homem, à medida que desenvolve sua razão, faz um autoquestionamento sobre quem pode ter sido o criador de todas as coisas e como resposta atribui a Deus, e, consequentemente, avaliza a existência de Deus através dos sentidos. Contudo, nos anos finais de sua vida e após a publicação da *Razoabilidade do cristianismo* (1695), percebe-se um Locke voltado a elucidar as coisas a partir de uma fundamentação religiosa, o que permite compreender que a temática de Deus, no conjunto da obra lockeana, tem variações.

o humanismo estão vinculados diretamente à virtude. Como diz o próprio comentador “são todos eles aspectos da boa natureza ou amor ao próximo” (TARCOV: 1984, p.189, tradução nossa). Ele tem ciência de que a constituição de hábitos que conduzam a criança a ações virtuosas é o melhor caminho para formá-la num indivíduo moralmente correto.

Já Baillon (2006, p.99) ressalta que a formação do caráter da criança precede a aquisição do conhecimento, mas é bom lembrar que o conhecimento que ele faz referência aqui é aquele associado aos conteúdos aprendidos na instrução. Continua sua análise afirmando que o jovem assume compromisso, com a constituição do hábito de agir virtuosamente, em manifestá-lo de acordo com os destinos políticos da sociedade, futuramente, ou seja, na perspectiva de garantir e defender os direitos dos indivíduos que compactuaram o contrato social. Ele defende que a aquisição do conhecimento com formação da virtude na criança é a combinação mais perfeita que se poderia dar à criança.¹³

O outro valor a ser trabalhado é constituir na criança o hábito de agir com sabedoria. Locke define este conceito como sendo “no sentido popular, o homem que administra os negócios habilmente e com providência neste mundo. Isto é o produto do bom temperamento, aplicação do conhecimento e das experiências.” (LOCKE: 1996, p.105, tradução nossa). A sabedoria é indispensável para orientar o homem nos assuntos que não há uma certeza, somente probabilidades. O filósofo inglês compreende que a condução das questões políticas com habilidade e previsão torna um governante respeitado internamente e externamente. Esse respeito fortalece a manutenção da paz, gerando um convívio pacífico entre os homens, fortalecendo uma relação respeitosa e amigável com as pessoas em geral.

Tarcov (1984, p.192) defende a opinião de que a sabedoria, para Locke, é a qualidade quem tem implicações a partir do momento em que a criança decide suas ações. Para tanto, sua preparação inclui despertar o espírito da criança para o maior e mais valioso pensamento. No entanto, isso não significa que o infante vai elevar-se a uma abstração, pelo contrário, o seu pensamento está limitado pelo uso e decisão da própria razão, e mais que isso, esta razão tem como função conduzir a sua ação, logo, a sabedoria deve ser aplicada para guiar o agir corretamente.

¹³ Baillon (2006, p.99) ressalva, a exemplo de Tarcov, que a virtude defendida por Locke é aquela alicerçada nos valores cristãos, até porque o estereótipo cultural do inglês do século XVII era de um homem cheio de vícios, corrupto, com má conduta sexual e o que Locke pretendia, como contraponto, era corrigir estes males sociais a partir da moral cristã.

A última questão a ser ensinada para a criança é a boa educação ou bons modos. Inicialmente o filósofo afirma que há duas maneiras de ser mal educado: 1) pela timidez; 2) pela falta de respeito com as demais pessoas. Como solução, o filósofo inglês acredita que a boa educação ao mesmo tempo em que é fundamental para a conduta da criança, é de difícil concretização porque a sociedade não é composta majoritariamente por pessoas bem-educadas. Locke continua sua argumentação assegurando que é importante, na constituição de uma criança com boa educação, evitar nela seis defeitos: 1) a rudeza; 2) o menosprezo a outras pessoas; 3) um espírito crítico que sempre procure encontrar defeito nos demais indivíduos; 4) a ganância de disputar tudo com os demais; 5) permitir que a criança seja demasiadamente cerimoniosa; 6) presentear pessoas que não são dignas de tal homenagem.

Observa também que não devem ser ensinadas muitas regras e cerimônias para as crianças, mas há ocasiões que elas se tornam necessárias, como por exemplo, ensiná-la a não interromper as pessoas quando falam, mas apenas quando termina uma fala é que podem ser feitas perguntas. Todavia, isso não significa que a liberdade para uma criança se expressar seja controlada, até porque, quando várias opiniões estão sendo debatidas por pessoas adultas, privar-lhe de participar é esquivá-la da maior vantagem da sociedade, que é sua inserção social. Esta argumentação lockeana sugere que a criança, em formação, pode presenciar o debate de homens esclarecidos, principalmente quando há opiniões conflitantes. Logo, o jovem se tornará habituado a opinar sob os diversos temas, respeitando a divergência de ideias. Mas estas orientações têm limites. A boa educação é algo tão particular que não existe uma regra que possa ser seguida pelos mais diversos preceptores quando ensinam as distintas crianças, pois elas são mutáveis de acordo com cada região e/ou país que cada um habita. Desse modo, Locke sugere que estas orientações devem considerar a individualidade da criança e o ambiente no qual ela está inserida.

Cambi resume da seguinte forma o pensamento educacional do filósofo:

O processo educativo do futuro *gentleman*, segundo Locke, deve seguir alguns princípios fundamentais [...] Tais princípios são: 1. a mens sana in corpore sano [...] 2. a importância do 'raciocinar com as crianças' como meio de ensino; 3. a prioridade da formação prático-moral em relação à intelectual e do critério da 'utilidade' das disciplinas a ensinar os jovens; 4. a centralidade da experiência, que desenvolve a natural curiosidade das crianças, amadurece seus interesses e se afirma também através do jogo e do trabalho. (CAMBI: 1999, p.318)

Feitas essas observações sobre o que deve ser ensinado para a criança, considerando o objetivo a qual a educação se propõe, na conclusão dos *Alguns*

pensamentos sobre a educação Locke manifesta que o livro é um guia educacional. Ele tem noção de que suas orientações devem cumprir o papel de auxiliar os pais na formação das futuras gerações, mais especificamente o *gentleman*, já que é este que exercerá funções políticas. A esse respeito, a tarefa proposta por Locke e aceita pelos pais é de extrema ousadia, já que o uso da razão irá condicionar a liberdade natural e o amor que a criança tem pela liberdade. Além disso, reprime a tendência de dominação que pertence a ela, tornando-a em um *gentleman* que realizará suas ações não com o intuito de ter benefícios particulares, mas que irá governar o país garantindo o direito à propriedade que todos os membros possuem.

Aldrich (2000, p.12) cita quatro conclusões do pensamento educacional do filósofo: 1) que Locke é um teórico que valoriza a experiência, pois considera sua prática professoral para extrair suas orientações; 2) que se deve ter uma preocupação em compreender o perfil de quem se ensina para, desse ponto, iniciar as atividades professorais; 3) que ele não expõe orientações acabadas, prontas, mas sim algumas ideias que podem ou não ser materializadas a partir da realidade de cada um; 4) que suas propostas para a educação estão associadas ao que tinha de mais radical na Inglaterra seiscentista, no sentido de romper com a tradição educacional daquela época.

É desse modo que o filósofo inglês expõe seu pensamento educacional. Mais que um minucioso projeto educativo para as crianças, Locke tinha ciência de que restaurar a sociedade dos males da superstição e da tirania eram mais que urgentes, até porque ele partiu da premissa de que todos são iguais e livres, e cabe à formação do *gentleman* a responsabilidade de preservar e/ou aperfeiçoar esses direitos.

4 O conceito de formação em Locke

Nos textos educacionais do filósofo, não é factual afirmar algum tipo de pretensão de inseri-los na história da educação ou na história da filosofia da educação, pelo contrário, existe a preocupação de instituir meios seguros para a efetivação de sua teoria política. Nesse sentido, a educação torna-se peça fundamental, não somente por formar as futuras gerações, mas também pelo fato de ser o caminho mais seguro para o cumprimento do projeto político do filósofo inglês.

Este estudo considera como fator preponderante a aliança entre o projeto político e o educacional que tenha em vista a constituição de um ‘novo ser’. Em Locke, esta concepção se materializa no conceito de formação. Por formação, entende-se o

somatório dos ensinamentos transmitidos pelo preceptor, que visa dotar a criança de autonomia para que aja racionalmente. Esta soma de questões é composta pela preocupação com a saúde física – que permite ao indivíduo resistir às adversidades da vida - mais a preocupação com o espírito - que agrega a instrução, a sabedoria, a boa educação e a virtude.

No entanto, esses componentes regidos pelo preceptor têm que estar conectados com a realidade social e política, ou seja, deve ter uma utilidade prática. A criança é dotada de ensinamentos que lhe permitam não só conhecimentos, mas também possam fazê-la compreender as circunstâncias antes que delibere suas ações. Por outro lado, a utilidade dos ensinamentos deve permitir o desenvolvimento cognitivo dela, para que exercite seu entendimento de forma a promover a reflexão diante dos acontecimentos.

É bom frisar que a formação da criança é fundamental para a materialização do projeto político do filósofo, já que este precisa de indivíduos aptos para o exercício das funções governamentais de forma imparcial. Esta formação é reservada aos filhos da aristocracia inglesa, como afirma Baillon: “Além do simples projeto educacional reservado para uma elite específica, o modelo do comportamento definido por Locke nos *Pensamentos* faz parte de uma ampla transformação da sociedade inglesa em direção ao progresso dos bons modos.” (BAILLON: 2006, p.101, tradução nossa). Por outro lado, a formação da criança, além de ser circunstanciada, também é exclusivamente destinada ao que se propõe para o bem público, a saber, a felicidade. Este viés político adotado pelo filósofo é o que condiciona a educação, garantindo uma conotação social. Consequentemente, o projeto educativo lockeano está a serviço da reforma moral que Locke tanto enfatiza, no conjunto de sua obra, e defende para a Inglaterra, que vivia em uma grande crise moral.

Então, é o conceito de formação que permite fechar o sistema moral existente na obra de Locke, que começa a ser elaborado nos *Ensaio sobre a lei de natureza*, depois pelos *Ensaio sobre o entendimento humano*, perpassa os *Dois tratados sobre o governo* e as *Cartas sobre a tolerância* e é ratificada na obra *Alguns pensamentos sobre educação*. Porém, esta compreensão não descarta outros escritos do filósofo, até porque é possível perceber uma relação direta entre os primeiros escritos do autor com os principais textos lockeanos.

Locke demonstra a relevância de constituir um indivíduo racional como premissa fundamental para a materialização do seu projeto político. Esta importância tem no conceito de formação sua base fundamental. Portanto, do mesmo modo que é

possível afirmar que o filósofo inglês advoga que a felicidade é o fim supremo de todos os indivíduos neste mundo e esta é concretizada pela ação moral de cada um, segundo ele, também pode-se assegurar que a educação contribui com a formação do *gentleman*.

5 Conclusão

Por fim, o projeto educacional do filósofo tem como objetivo central formar indivíduos aptos para agirem na sociedade. Nesse sentido, o projeto educacional sugerido pelo filósofo vai estar alicerçado no desenvolvimento intelectual e corporal da criança, que, sob tutela dos pais e/ou preceptor, contribui com a edificação de uma nova sociedade na Inglaterra. Desse modo, o conceito de formação surge como meio para efetivar os objetivos gerais da educação, a saber: tornar a criança livre, que tenha garantido o direito de suas propriedades materiais e que controle as paixões humanas. Mais que isso, é através da formação de uma nova classe dirigente que a Inglaterra corrigirá seus defeitos, já que Locke propõe que a formação do *gentleman* seja reservada aos filhos da burguesia inglesa. É através do conceito de formação que Locke une sua teoria educacional com a teoria do conhecimento e política.

Referências

- ALDRICH, R. John Locke. **Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée**. v.XXIV, n. 1-2, p. 65-82. UNESCO: Bureau international d'éducation, 2000. Disponível em < http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/ThinkersPdf/lockef.PDF >. Acesso em: 29/06/2009.
- BAILLON, J.F. **Une philosophie de l'éducation: John Locke, Some thoughts concerning education** (1693). Domont-FRA: Dupli-Print, 2006.
- CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.
- ENGUITA, M.F. Prologo. In.: **Pensamientos sobre la educación**. Tradução Rafael Lasaleta. Madrid: AKAL, 1986. p.09-23.
- GOYARD-FABRE, S. **John Locke et la raison raisonnable**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.
- HAMILTON, D. **Sobre as origens dos termos classe e currículo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: Revista Teoria & Educação, Porto Alegre, n.6, p. 33-52, 1992.

- HÉRDRARD, J. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. Tradução Christian Pierre Kasper. In: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil/Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1999.
- JULIÁ, D. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. Tradução de Elizabeth Macedo e Alice Lopes. In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. (org.). **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LOCKE, J. Alguns pensamentos a respeito de leitura e estudo para um cavalheiro. In.: **Ensaio político**. Organizado por Mark Goldie. Tradução Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2007a. p.434-442.
- _____. **Borrador de una carta de Locke a la Condessa de Peterborough**. Tradução Rafael Lasaleta. Madrid: AKAL, 1986a.
- _____. **Del estudio**. Tradução Rafael Lasaleta. Madrid: AKAL, 1986b.
- _____. **Ensaio político**. Organizado por Mark Goldie. Tradução Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.
- _____. **Some thoughts concerning education**. Edited, with introduction by Ruth W. Grant and Nathan Tarcov. Cambridge: Hackett Publishing Company Inc., 1996.
- MACHADO, M. C. G. Estado e Educação na Perspectiva de John Locke. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008, Aracaju. **Anais do V Congresso Brasileiro de história da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação**. Aracaju: EdUFS, 2008. CD-Rom.
- MICHAUD, Y. **Locke**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- REICYN, N. **La pedagogie de John Locke**. Paris: Hermann & Cle. Éditeurs, 1941.
- TARCOV, N. **Locke's education for liberty**. Chicago, Londres : The University of Chicago Press, 1984.